

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT08.032

“GAETANINHO”: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DO CONTO DE ANTÔNIO DE ALCÂNTARA MACHADO

Gilles Villeneuve Souza Nascimento¹

RESUMO

Este estudo propõe uma análise discursiva do conto *Gaetaninho*, de Antônio de Alcântara Machado, com base nos pressupostos teóricos de José Luiz Fiorin (2008). A investigação não se limita apenas a uma leitura temática da produção literária, mas avança na observação dos elementos linguísticos e estruturais que compõem a narrativa, especialmente no que diz respeito à construção do sentido por meio do discurso. A análise considera o percurso gerativo de sentido – níveis fundamental, narrativo, discursivo e de manifestação – identificando oposições semânticas como /fantasia/ versus /realidade/ e /vida/ versus /morte/, que estruturam o enredo. Destaca-se o fracasso do protagonista em alcançar seu desejo, reforçando a disjunção entre o sujeito e o objeto de valor. Também são apresentados os mecanismos de embreagem e debreagem, que sustentam o funcionamento da sintaxe discursiva, além de elementos como temporalização e espacialização. Com linguagem marcada por traços jornalísticos, o texto artístico-ficcional de Antônio de Alcântara Machado expõe a realidade social dos imigrantes italianos em São Paulo, revelando tensões entre desejo e impossibilidade por meio de um episódio trágico. A partir da análise discursiva, evidencia-se a relevância de abordagens que vão além do conteúdo narrativo, aprofundando-se nos aspectos formais e semânticos que estruturam os sentidos do texto literário.

Palavras-chave: análise discursiva, Gaetaninho, Antônio de Alcântara Machado, sintaxe discursiva, percurso gerativo de sentido.

1 Mestre do Curso de Letras da Universidade Federal de Pernambuco – PROFLETRAS/UFPE, g.villeneuve@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Em primeiro lugar, torna-se necessário esclarecer que a intenção do referido estudo não é promover a apreciação textual de forma simplificada. Em outras palavras, não se objetiva aqui apenas resumir ou relatar o que se sucede no conto *Gaetaninho*, de Antônio de Alcântara Machado. A finalidade deste trabalho é ir um pouco mais além, considerando, para isso, os elementos discursivos que constituem essa narrativa. Para tanto, alguns dos comentários realizados pelo estudioso José Luiz Fiorin (2008) sobre a análise do discurso serão adotados como referência.

Antes, porém, de se comentar algo sobre o conto em questão, convém indagar: do que trata a análise do discurso? Em linhas gerais, pode-se dizer que a análise do discurso, no caso das narrativas literárias, consiste na observação dos usos discursivos realizados ao longo dos textos ficcionais. Trata-se de uma forma particular de analisar as peculiaridades existentes na “voz” do narrador ou dos personagens – ou seja, a forma como se dá a conversação dentro da narrativa. Esses sujeitos tentam, por meio das palavras, persuadir o leitor e convencê-lo de alguma verdade. Além disso, determinados sentidos podem permanecer subentendidos no discurso, o que faz com que a interpretação textual dependa do conhecimento de mundo do leitor.

Gaetaninho é um conto que faz parte do livro *Brás, Bexiga e Barra Funda*, primeira obra publicada pelo escritor Antônio de Alcântara Machado. Paulista formado em Direito, Alcântara ingressou no jornalismo e dirigiu revistas importantes do Modernismo. Como observador atento do cotidiano, produziu seus contos com base em notícias – e não foi diferente com *Gaetaninho*. Massaud Moisés (2007, p. 479) comenta sobre os textos de Alcântara da seguinte forma:

Brás, Bexiga e Barra Funda [...] tenta fixar tão-somente alguns aspectos da vida trabalhadeira, íntima e cotidiana desses novos mestiços nacionais e nacionalistas. É um jornal. Mais nada. Notícia. Só. Não tem partido nem ideal. Não comenta. Não discute. Não aprofunda. [...] O retrato do dia-a-dia de Gaetaninho

é a um só tempo flagrante e simbólico de outros meninos de sua idade e condição, como se colhido ao vivo, expresso numa escrita jornalística, fluente, sincopada, moderna, concisa, cujo sabor realista não se perdeu apesar de transcorridos cerca de 70 anos da sua elaboração.

Diferentemente dos escritores que preferiram adotar os cenários de destaque na época como espaço para as narrativas, o autor de *Gaetaninho* deu ênfase aos acontecimentos que ocorreram nos bairros onde viviam os trabalhadores italianos retratando, assim, o cotidiano dessa comunidade. Isso pode ser comprovado na utilização de palavras italianas de uso recorrente à época da produção, como, por exemplo, “Súbito!” (MOISÉS, 2007. p. 479). Tal característica confere à obra um “sabor realista” incontestável, segundo comenta Moisés (2007).

Apreciando o texto sem fugir ao método de análise proposto, percebe-se que *Gaetaninho* era um jovem pertencente à classe da ralé. Buliçoso e desatento, o garoto tinha um sonho: desfilar um dia em um carro puxado por cavalos, usando belos trajes, assim como o Beppino. Desejo esse que não se concretizou por causa de sua morte inesperada. Diante destes esclarecimentos, já se torna possível uma análise discursiva do conto, a partir da proposta dos estudos realizados por Fiorin (2008).

No primeiro momento da análise, serão considerados o percurso gerativo de sentido e seus níveis (fundamental, narrativo, discursivo e de manifestação). Posteriormente, a sintaxe discursiva – com suas projeções e relações – também será abordada e discutida ao longo deste artigo.

GAETANINHO E O PERCURSO GERATIVO DE SENTIDO

Inserindo-se no conto, identifica-se a oposição semântica /fantasia/ *versus* /realidade/. *Gaetaninho*, jovem criado na pobreza, aspira um dia realizar o desejo de desfilar elegantemente pela cidade, acompanhando alguma espécie de cortejo. A realidade, porém, é dura com o personagem, que acaba falecendo sem conseguir concretizar seu objetivo. *Gaetaninho* ainda nutre sonhos que o mantêm “mais próximo” de sua meta. Entre-

tanto, em nenhum momento há a concretização de tal evento em vida, pois o desfile só se torna possível após sua morte, no cortejo fúnebre. Devido à “não concretização” desse ideal, pode-se dizer que o elemento eufórico (valor positivo) está ausente, enquanto a disforia (valor negativo) se faz presente. Sobre esses componentes, Fiorin (2008, p. 23) esclarece:

Cada um dos elementos da categoria semântica de base de um texto recebe a qualificação semântica /euforia/ versus /disforia/. O termo ao qual foi aplicada a marca /euforia/ é considerado um valor positivo; aquele a que foi dada a qualificação /disforia/ é visto como um valor negativo.

No que se refere à sintaxe do nível fundamental presente no conto, observa-se a afirmação da /fantasia/ no momento em que Gaetaninho está sonhando; a negação da /fantasia/, quando a tia Filomena canta o *Ahi, Mari!* e o desperta; e, por fim, a afirmação da /realidade/, quando o personagem percebe que o ocorrido não era verdadeiro. Comprovando as informações descritas sobre as asserções e negações presentes no texto, observe os fragmentos abaixo:

1. Afirmação da fantasia:

Gaetaninho enfiou a cabeça embaixo do travesseiro.
Que beleza, rapaz! Na frente quatro cavalos pretos empenachados levavam a tia Filomena para o cemitério. (...) Depois ele. Na boleia do carro. Ao lado do cocheiro. Com a roupa marinheira e o gorro branco onde se lia: Encouraçado São Paulo (...) Muita gente nas calçadas, nas portas e nas janelas dos palacetes, vendo o enterro. Sobretudo admirando o Gaetaninho. (Novelas Paulistanas in MOISÉS, 2007 p. 478).

2. Negação da fantasia: “Gaetaninho ia berrar mas a tia Filomena com a mania de cantar o *Ahi, Mari!* todas as manhãs o acordou” (Novelas Paulistanas in MOISÉS, 2007 p. 478).

3. Afirmação da realidade: “Primeiro ficou desapontado. Depois quase chorou de ódio” (Novelas Paulistanas in MOISÉS, 2007 p. 478).

Em outras perspectivas, observam-se, na narrativa, as oposições semânticas /vida/versus /morte/ e /querer/ versus /não poder/. Como escritor que retrata acontecimentos cotidianos, Alcântara apresenta mais uma história trágica sobre o fim da vida. Enquanto houvesse vida, haveria esperanças de realização do sonho de Gaetaninho. Porém, o elemento disfórico /morte/ quebra qualquer possibilidade de concretização do objetivo. Essa questão pode ser reinterpretada sob outro ponto de vista, uma vez que foi justamente o falecimento de Gaetaninho que o levou ao desfile em um cortejo. Ainda que não da forma almejada, o personagem desejava estar bem vestido, chamando atenção e buscando a admiração daqueles que olhavam o *corso*. Não se pode afirmar, portanto, que houve um elemento eufórico, pois a efetivação da meta almejada pelo personagem não se deu em vida. No que diz respeito à segunda oposição, o sentido é literal: o personagem queria, mas as circunstâncias impediram a realização de seu desejo enquanto vivo.

Fiorin (2008), ao dissertar sobre o nível narrativo, afirma que “ocorre uma narrativa mínima, quando se tem um estado inicial, uma transformação e um estado final” (FIORIN, 2008. p. 27-28). É exatamente isso o que acontece no conto. Há o Gaetaninho jovem, sonhador, cheio de desejos (estado inicial), que nutria o objetivo de desfilar em uma carroceria puxada por cavalos, assim como seu amigo Beppino (estado de transformação), e que, de forma inesperada, morre atropelado, sem concretizar o seu desejo (estado final).

Percebe-se, na narrativa, um momento em que o personagem principal observa a vida de outras pessoas, admirando aqueles que passam de carro em dias de enterro ou de casamento. Em seguida, o narrador cita Beppino como exemplo – este acompanhava a tia Peronetta, que se mudava para o Araçá. Enquanto a vida de Gaetaninho permanecia inalterada, a tia entrava em conjunção com a riqueza, uma vez que se transferia de um bairro pobre para um bairro nobre. Sobre esse aspecto, Moisés (2007, p. 479) comenta:

[...] o narrador registra o processo de ascensão social de alguns imigrantes quando enriquecem, adquirem carro e mudam para elegantes bairros residenciais, como é o caso de Beppino, contraposto ao de Gaetaninho, e sua “tia Peronetta que se mudou para o Araçá”.

Com base nessa análise, pode-se dizer que houve a liquidação de uma privação, conceito discutido por Fiorin (2008, p. 28-29):

Como há dois tipos de enunciados de estado, existem duas espécies de narrativas mínimas: a de privação e a de liquidação de uma privação. Na primeira, ocorre um estado inicial conjunto e um estado final disjunto. Um exemplo seria a história do empobrecimento de uma família muito rica (no início da narrativa o sujeito esta em conjunção com a riqueza e no final esta em disjunção com ela). Na segunda espécie, sucede o contrário: um estado inicial disjunto e um final conjunto. Um exemplo seria a história, tão do gosto de setores conservadores de nossa sociedade, do menino pobre que, com trabalho ingente, torna-se muito rico.

Esta situação de privação não atinge Gaetaninho, uma vez que este vive e morre na mesma condição: em disjunção contínua com a riqueza. Consequentemente, o protagonista fica “impossibilitado” de efetuar seu querer.

A partir dessa discussão, chega-se à semântica do nível narrativo, que aparece em dois tipos: objetos modais e objetos de valor. Na narrativa estudada, os objetos modais se concentram nas ambições do personagem principal em realizar ações (querer fazer). Conforme foi citado, enquanto vivo, ainda havia esperanças para a realização do objeto de valor (conjunção com tais desejos). Com a morte da figura central, a realização da performance esperada “não ocorre”.

Sobre os esclarecimentos que envolvem o nível discursivo, é neste momento que “as formas abstratas do nível narrativo são revestidas de termos que lhes dão concretude” (FIORIN, 2008. p. 41). Para concretizar a disjunção linear presente na narrativa, citam-se as humildes condições nas quais vivia Gaetaninho: vagando sem rumo no meio da rua, jogando

futebol com uma bolinha feita de meia. O momento em que este acorda do sonho também é uma efetivação de que tal fantasia não é real.

Para encerrar os níveis propostos pelo percurso gerativo, o nível da manifestação aborda os efeitos estilísticos da expressão. A história examinada não permite fazer uma análise detalhada desse nível, pois o texto possui uma linguagem de cunho fortemente denotativo. Devido à formação acadêmica de Alcântara, as características jornalísticas se fazem presentes, refletindo-se em suas obras. Afinal, acerca deste nível, Fiorin (2008, p. 50-51) cita que:

[...] no nível de manifestação, devem-se levar em conta, principalmente: a) recursos fônicos, como aliteração e assonância (...); b) recursos métricos e rítmicos (...); c) recursos sintáticos, como paralelismos, estruturas frásicas, etc (...); d) figuras de construção, como repetição, quiasmo, gradação, etc.

GAETANINHO: SINTAXE DISCURSIVA DO CONTO

Antes de se formular uma análise acerca da sintaxe discursiva desta narrativa, é necessário esclarecer alguns pontos. Fiorin (2008, p. 56), em seus estudos sobre tal temática, discute algumas diferenças importantes:

[...] é preciso distinguir duas instâncias: o *eu* pressuposto e o *eu* projetado no interior do enunciado. Teoricamente, essas duas instâncias não se confundem: a do *eu* pressuposto é a do enunciatário e a do *eu* projetado no interior do enunciado é a do narrador. Como a cada *eu* corresponde um *tu*, há um *tu* pressuposto, o enunciatário, e um *tu* projetado no interior do enunciado, o narratário. Além disso, o narrador pode dar a palavra a personagens, que falam em discurso direto, instaurando-se então como *eu* e estabelecendo aqueles com quem falam como *tu*. Nesse nível, temos o interlocutor e o interlocutário.

E define: “Por isso, a sintaxe do discurso, ao estudar as marcas da enunciação no enunciado, analisa três procedimentos de discursivização, a actorialização, a espacialização e a temporalização, ou seja, a constituição das pessoas, do espaço e do tempo do discurso” (FIORIN, 2008, p. 57).

Nota-se, em *Gaetaninho*, esse momento introdutório da sintaxe discursiva, no que se refere à observação do enunciador, do narrador e do interlocutor. Pressupõe-se um “eu” no enunciado (enunciador = aquele que enuncia). O “eu projetado” é o narrador (aquele que conta os fatos) que, neste caso, se encontra em terceira pessoa (narrador-observador). Em alguns momentos, o narrador dá voz aos personagens, que se utilizam do discurso direto na comunicação. Há, como exemplo, o diálogo entre Gaetaninho e Beppino. O papel de interlocutor e interlocutário, nesse caso, alterna-se constantemente, pois aquele é o que fala, enquanto este é o que recebe a mensagem (ora Gaetaninho fala e Beppino escuta; ora Beppino fala e Gaetaninho escuta).

Sobre a figura do narrador e, especificamente, sobre o narrador em terceira pessoa, Gancho (2006, p. 30-31) comenta:

Não existe narrativa sem narrador, pois ele é o elemento estruturador da história. As variantes de narrador podem ser inúmeras, uma vez que cada autor cria um narrador diferente para cada obra. Antes de mais nada, é bom que se esclareça que o narrador não é o autor, mas uma entidade de ficção, isto é, uma criação linguística do autor, e, portanto, só existe no texto. (...) Terceira pessoa: é o narrador que se posiciona fora dos fatos narrados, portanto, o seu ponto de vista tende a ser mais imparcial.

Examinando as projeções da enunciação no enunciado sugeridas por Fiorin (2008), percebe-se a discussão entre dois mecanismos básicos: a debreagem e a embreagem. Voltando-se rapidamente para o conto, observam-se, na narrativa estudada, exemplos de debreagem enunciativa. Para que se compreenda, de modo coerente, o que vem a ser debreagem enunciativa, deve-se, primeiramente, considerar algumas projeções, conforme os trechos que se seguem:

1. “Gaetaninho ia berrar mas a Tia Filomena com a mania de cantar o “Ahi, Mari!” todas as manhãs o acordou” (Novelas Paulistanas *in* MOISÉS, 2007 p. 478).

2. “Tia Filomena teve um ataque de nervos quando soube do sonho de Gaetaninho” (Novelas Paulistanas *in* MOISÉS, 2007 p. 478).
3. “Gaetaninho saiu correndo. Antes de alcançar a bola um bonde o pegou. Pegou e matou” (Novelas Paulistanas *in* MOISÉS, 2007 p. 478).

Nestes três fragmentos, há o que Fiorin (2008) projeta como “ele-alhures-então”. Nestes enunciados estão projetados:

[...] uma pessoa (ele), um tempo (não agora = então) e um espaço (em algum lugar = alhures). Esses três elementos definem-se em relação à instância da enunciação: *ele* é aquele que não fala e aquele a quem não se fala; *então* é o tempo não relacionado diretamente ao momento da enunciação; *alhures* é o espaço não ordenado em relação ao *aqui*, onde se produz o enunciado. (...) (projeção do ele-alhures-então), acontece uma debreagem enunciativa. (FIORIN, 2008, p. 58).

Então, sobre a debreagem enunciativa, o teórico conclui: “A debreagem enunciativa constrói-se com o ele, o alhures e o então, o que significa que, nesse caso, ocultam-se os actantes, os espaços e os tempos da enunciação” (FIORIN, 2008, p. 59). Esse mecanismo origina um tipo básico de discurso: o de terceira pessoa. O efeito de sentido é o de objetividade.

As debreagens enunciativa e enunciativa produzem dois tipos básicos de discurso: os de primeira e os de terceira pessoa. Essas duas espécies de debreagem produzem, respectivamente, efeitos de sentido de subjetividade e de objetividade, porque, na debreagem enunciativa, o *eu* coloca-se no interior do discurso, enquanto, na enunciativa, ausenta-se dele. (FIORIN, 2008, p. 64).

Para finalizar, observa-se, no conto, um exemplo de figura de retórica chamada eufemismo, que tem por função suavizar expressões tristes ou desagradáveis. “Quando se atenua no enunciado e se intensifica na enunciação, ocorre a figura chamada eufemismo pela retórica” (FIORIN, 2008, p. 84). Esse exemplo – “Amassou o bonde!” – ocorre no momento em que os amigos de Gaetaninho espalham a notícia sobre a morte do jovem:

A gurizada assustada espalhou a notícia na noite.

Sabe o Gaetaninho?

Que é que tem?

Amassou o bonde! (Novelas Paulistas in MOISÉS, 2007 p. 479).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de se concluir este trabalho, torna-se necessário fazer alguns comentários que esclareçam a análise não apenas discursiva, mas de toda a narrativa estudada.

Gaetaninho vive um conflito com a situação, que não o permite entrar em conjunção com o seu querer. Sobre o conflito, Gancho (2006, p. 13) comenta:

Conflito é qualquer componente da história (personagens, fatos, ambiente, ideias, emoções) que se opõe a outro, criando uma tensão que organiza os fatos da história e prende a atenção do leitor. Em geral, o conflito se define pela tensão criada entre o desejo da personagem principal (isto é, sua intenção no enredo) e alguma força opositora, que pode ser uma outra personagem, o ambiente, ou mesmo algo do universo psicológico.

Por manter uma linearidade com seus ideais, sem perder o foco em nenhum momento, o personagem principal desta história é plano.

No texto, coexistem dois tipos de tempo: o cronológico e o psicológico. O primeiro ocorre no momento das ações realizadas por Gaetaninho (jogar futebol; admirar os cortejos; entrar em casa obedecendo à ordem da mãe; etc), enquanto o segundo se manifesta quando o personagem está sonhando com a concretização de seu desejo. Gancho (2006, p. 25) define esses tempos da seguinte maneira:

Tempo cronológico – É o nome que se dá ao tempo que transcorre na ordem natural dos fatos no enredo, isto é, do começo para o final. (...) chama-se cronológico porque é mensurável em horas, dias, meses, anos, séculos. (...) Tempo psicológico – É o nome que se dá ao tempo que transcorre numa ordem

determinada pelo desejo ou pela imaginação do narrador ou das personagens.

A narrativa criada por Alcântara Machado, além de mostrar mais um exemplo da realidade, faz o leitor refletir sobre o querer de cada indivíduo, que nem sempre se realiza. Isso pode acontecer com qualquer pessoa, pois, em determinado momento, chega o instante da morte e, muitas vezes, há a não realização de algum(ns) propósito(s). Por isso, o autor foi feliz ao formular um texto que aborda essa reflexão, merecendo destaque no cenário da literatura moderna.

O estudo de elementos do discurso narrativo possibilita uma análise mais crítica, estrutural e semântica dos textos. Partindo desse comentário, percebe-se que esses conhecimentos se tornam cada vez mais necessários. A prática da análise narrativa, em qualquer nível de escolaridade, não deve se limitar apenas a resumos, mas também precisa debater as ponderações presentes na produção analisada.

REFERÊNCIAS

FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. 14. ed., 1. reimpr. São Paulo: Contexto, 2008.

GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. 9. ed. São Paulo: Ática, 2006.

MOISÉS, Massaud. *A literatura brasileira através dos textos*. 26. ed. São Paulo: Cultrix, 2007.